



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6637 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT26 - Educação do Campo

OS REFLEXOS DA VIVÊNCIA COM A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NA VIDA DOS EGRESSOS DE UMA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DA BAHIA

José Conceição Silva Araujo - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO

OS REFLEXOS DA VIVÊNCIA COM A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NA VIDA DOS EGRESSOS DE UMA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DA BAHIA[\[1\]](#)

RESUMO

O referido estudo teve como objeto de pesquisa os egressos da quinta turma da Escola Família Agrícola da Região de Alagoínhas (EFARA). Buscou analisar qual a influência que tal pedagogia desempenhou em suas vidas nessas três décadas depois de ter passado pela escola. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujos instrumentos de coletas de dados foram questionários fechados, entrevistas semiestruturadas e cartas dos egressos. Como resultado principal pode-se apontar a riqueza de sentimentos e aprendizados que tais sujeitos carregam consigo durante esse período.

Palavras-Chave: Escolas Famílias Agrícolas; Pedagogia da Alternância; Egressos da EFARA.

1 INTRODUÇÃO

As EFA's constituem uma experiência de Educação do Campo bem sucedida no Brasil e no mundo. O seu surgimento na França atrelado ao mundo da religião Católica na segunda metade do século XX, passando pela Itália e chegando ao Brasil nos anos 60, possibilitou o surgimento de um novo paradigma educacional ainda desconhecido no país da época: o modelo da Pedagogia da Alternância.

Esse modelo teve êxito porque estava atrelado diretamente ao convívio com as comunidades originárias dos educandos de tais instituições. A relação e a parceria das EFA's com as lideranças comunitárias faziam com que a seleção dos alunos fosse além de um acordo entre escola e famílias, mas fazia parte do arcabouço de responsabilidade de toda a comunidade. Por isso, a construção das EFA's, sobretudo as primeiras, foi feita pelas mãos de

pais e amigos dos alunos. A comunidade não se sentia apenas amiga da escola mas sim uma peça importante de sua engrenagem.

Logo, no tempo comunidade – tempo em que os alunos ficam em suas casas - os alunos são cobrados não só pela família e pela escola pelo seu desenvolvimento escolar mas por todo o grupo de sujeitos envolvidos no seu processo de ensino-aprendizagem. Isso em termos práticos quer dizer que os alunos das EFA's têm uma corresponsabilidade e compromisso com os seus pares culturais e comunitários o que lhes obriga a demonstrar na prática que estão dando fruto.

A ideologia e a filosofia marcantes em seus ambientes foi a da Teologia da Libertação onde se destacava a proeminência dos Movimentos e Pastorais Sociais, sobretudo as ligadas à questão da terra e da Reforma Agrária. A formação de Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR's) e a organização em Partidos Políticos era muito marcante na formação desses jovens, especialmente através de eventos como a Jornada dos Lavradores, Semanas Sociais, Dia Nacional da Juventude – DNJ etc.

Até que a princípios dos anos 80, 1983, nasce a então conhecida Escola Família Agrícola da Região de Alagoinhas – EFARA, e são os alunos que passam a fazer parte da organização desses eventos. Organizando as comunidades para participarem, preparando teatro, animando as passeatas e momentos litúrgicos etc., eram eles também os responsáveis para animar e dar continuidade, cada um em seu local de origem, aos encaminhamentos práticos sugeridos nesses eventos.

Atualmente, três décadas depois, por onde andam os alunos que por lá passaram até a reforma compreendida entre os anos de 1998 e 2002, quando deixou de oferecer o ensino Fundamental e passou a ofertar o Ensino Médio? Esses alunos permanecem no campo ou se foram às grandes e médias cidades em busca de sobrevivência? E quanto aos princípios ensinados pela EFARA, quanto à formação para manter-se no campo com qualidade de vida, o que foi feito? Ainda hoje os princípios, filosofias e ideologias são os mesmos ou mudaram? O que se esperava dos egressos daquele tempo de fato aconteceu?

2 PROBLEMÁTICA

Afim de formular um problema que norteasse adequadamente a pesquisa, delimitei o objeto da seguinte maneira: selecionei a quinta turma da EFARA a qual foi a primeira a estudar por um período de três anos na escola, de 1988 a 1990. Foi com estes alunos que começou a luta pelo reconhecimento da escola. Antes disso a escola formava apenas jovens que seriam novas lideranças nas suas comunidades.

Enfim, a pergunta norteadora de toda a pesquisa foi a seguinte: Como a vivência nos anos 1988 a 1990, com a Pedagogia da Alternância enquanto norteadora da *práxis* da EFARA, tem influenciado na vida dos seus egressos?

Como objetivo geral teve-se: analisar como a vivência nos anos 1988 a 1990 com a Pedagogia da Alternância, enquanto norteadora da *práxis* da EFARA, tem influenciado a vida dos seus egressos.

A metodologia da pesquisa qualitativa desenvolveu-se a partir de uma perspectiva crítica e teve como categorias de análise as Escolas Famílias Agrícolas, a Pedagogia da Alternância (PA) e os egressos da EFARA. O estudo centrou-se na trajetória de 12 egressos da Quinta Turma e utilizou como instrumentos de coleta de dados, a aplicação de

questionários, entrevistas semi-estruturadas, “cartas” dos sujeitos e documentos institucionais encontrados na escola e de acervos pessoais.

A análise dos dados se deu em base ao método da triangulação de dados de Triviños (TRIVIÑOS, 1987).

3 DESENVOLVIMENTO

São recentes, academicamente, os estudos sobre as Escolas Famílias Agrícolas no Brasil. Paolo Nosella é quem inaugura esta faceta nos anos 70. Daí para cá somente depois dos anos 2000 começam aparecer algo nesse sentido. No tocante à Educação do Campo e à Pedagogia da Alternância aparecem mais. Do ano de 1977 (com Nosella) até 1996, segundo o levantamento de Teixeira, Bernartt e Trindade, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), foram apenas 39 dissertações sendo que dessas apenas 8 (oito) estavam relacionadas aos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs) no Brasil. Porém, especificamente sobre Escola Família agrícola no Brasil nenhuma. E deste conjunto apenas 3(três) por instituições de ensino superior baianos como UFBA, UNEB e UC Salvador. (TEIXEIRA, BERNARTT e TRINDADE, 2008).

Outra pesquisa analisa como a EFARA tem conseguido implementar o Ensino Médio Técnico-Profissionalizante atendendo às demandas do/da jovem do campo. Nesse trabalho uma das perguntas a serem respondidas diz respeito à compreensão de como o currículo do Ensino Médio da EFARA se aproxima da proposta da Educação do Campo, segundo as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Como resposta a tais questionamentos duas conclusões, dentre outras, foram peculiares:

Primeiro que as EFAs, especificamente a EFARA, podem ser consideradas, sem sombra de dúvidas, como uma experiência bem sucedida de Educação do Campo e contempla, na medida do possível, o exposto nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, além de se configurar como uma oportunidade, e para muitos a única, de profissionalização para o jovem da roça, filhos de pequenos agricultores. (ARAUJO, 2008)

Segundo,

[...] A EFARA a partir da Pedagogia da Alternância (PA) tem conseguido oferecer uma formação cidadã à juventude a ela confiada, de maneira integrada, contemplando os vários aspectos da vida do indivíduo e procurando formar neste uma consciência crítica em relação ao seu processo de aprendente, bem como auxiliando na aquisição de habilidades e competências necessárias para uma leitura diferenciada de mundo. (ARAUJO, 2008)

Tal pesquisa teve como precedente a tese de doutorado de Ludmila Cavalcante em 2007. Seu trabalho tem como pano de fundo os sujeitos da Escola Família Agrícola do Sertão – EFASE, em Monte Santo- Bahia. A autora destaca que as EFAs trabalham com quatro lógicas: relacional, pedagógica, produtiva e socioambiental (GIMONET APUD CAVALCANTE, 2007). Esta última é a tese defendida pela autora. Ela pretendeu “olhar sobre a relação ambiente e sociedade rural presente no âmbito da escola, que é voltada para a sua realidade e construída pelos e para os camponeses da região, traçando as suas trajetórias locais tendo em vista as visões pessoais” (CAVALCANTE, 2007).

Outro trabalho, que vai na mesma linha de pesquisa, porém, como dissertação de mestrado, é o de Geórgia Lins (2013), sobre como as EFAs concebem o Ensino Médio Integrado à Educação Profissionalizante e os elementos que colaboram na construção dos projetos profissionais dos estudantes destas instituições. (LINS, 2013). Perguntas de fundo

deste trabalho também querem saber como as EFAs interferem na vida produtiva e política dos seus estudantes.

Contudo em 2004, Queiroz já havia escrito sua tese de doutoramento sobre a construção das EFAs no Brasil e a sua preocupação também como a articulação do Ensino Médio com o profissionalizante dentro deste tipo de escola, (QUEIROZ, 2004). O autor fazendo uma análise sócio-histórica do surgimento e o desenvolvimento das Escolas Famílias Agrícolas de Ensino Médio e Educação Profissional, que surgiram no Brasil no final da década de 60, no Estado do Espírito Santo, trabalhando com a escolaridade em nível fundamental, conclui:

as EFAs de EM e EP são escolas vivas em construção, que inauguram no Brasil a formação dos jovens agricultores familiares em alternância, de maneira integrada e unitária, contando com uma crescente participação e responsabilidade dos agricultores familiares e contribuindo para o fortalecimento e o desenvolvimento da agricultura familiar. (QUEIROZ, 2004)

Em 2005, surgiu a primeira dissertação específica sobre as EFAs na Bahia. É de Sandra Regina Magalhães de Araújo, a qual buscou identificar, através de um estudo de caso da EFA de Angical, que as escolas famílias são uma alternativa viável para o fortalecimento da agricultura familiar, apresentando um diferencial na política de educação do campo (ARAÚJO, 2005). A autora, no ano de 2013 defendeu a tese de doutorado na mesma instituição debruçando-se sobre a formação dos educadores do campo com ênfase na formação inicial dos monitores das EFAs da Bahia (ARAÚJO, 2013). Ambos representam uma grande colaboração aos estudos de Educação do Campo no âmbito das EFAs do Semiárido Baiano.

De modo específico sobre a EFARA destaca-se a pesquisa feita por Alan Guedes, encomendada pela Associação da Escola família Agrícola da Região de Alagoinhas (AEFARA) em 2008, a qual avalia os 25 anos de atuação da escola na região, mostrando as principais características históricas da referida instituição, detalhando as quatro fases pela qual a escola passou durante a caminhada. Apesar de ter estudado aspectos relativos à vida dos egressos, suas famílias e comunidades, os resultados apresentados referem-se apenas às contribuições e limitações relativas ao trabalho, dentro e fora da roça; e sobre a participação social, política e religiosa dos ex-alunos (GUEDES, 2008, p. ii).

Dos trabalhos aqui apresentados, este último, a despeito de não ter sido realizado no âmbito da academia, é que mais se encaminha na lógica daquilo a que me propus no objeto de pesquisa: debruçar-me sobre as contribuições de tal escola na vida de seus egressos no decorrer dos anos. Nenhuma pesquisa toma em conta as turmas específicas do período em que a EFARA era apenas uma escola de formação de lideranças sem a preocupação com o currículo formal, apesar de também oferecê-lo, porém, não ainda com a preocupação em emitir documentos legais, garantir uma determinada carga horária etc.

Outras perguntas, de antemão, se fazem necessárias como: Tais alunos, que saíram sem um documento que lhes permitissem continuar seus estudos, ainda que bem formados politicamente, seguiram estudando? Pararam por aí? Que rumo tomaram na vida? Continuam no campo ou foram para a cidade? Continuaram fazendo a diferença em seus locais de moradia seja no campo ou na cidade? Estas e outras perguntas, tais pesquisas não conseguiram dar conta eu seus objetos.

Enfim, de todas as pesquisas feitas tendo a EFARA como objeto de investigação, nenhuma buscou se aprofundar numa turma específica, considerar suas particularidades, os

aspectos que a envolveram como contexto da época, dificuldades, avanços para a época, e sobretudo, o que levaram para a vida concreta e que molda suas atitudes e comportamentos em suas práticas atuais no convívio social.

Esta pesquisa pode ser considerada complementar às demais pesquisas acadêmicas já existentes sobre o tema. Ainda se tem muita coisa por fazer e descobrir, afinal de contas já é meio século da existência das EFAs no Brasil e algum contributo social certamente elas devem ter deixado ao nosso país.

A inserção do estudo sobre uma escola como essa no seio da academia é muito importante do ponto de vista em que é por excelência nas instituições de nível superior onde se deve formar as informações mais importantes e sofisticadas da sociedade. A discussão sobre a Educação do Campo ainda é incipiente nesses espaços de formação, o conhecimento da Pedagogia da Alternância ainda nem chegou na maioria dos cursos de Pedagogia da maior parte das faculdades de educação do país.

Assim sendo, torna-se relevante do ponto de vista epistemológico, pesquisar como estes princípios educativos – a Educação do Campo aliada à Pedagogia da Alternância – contribuem à formação dos novos educadores que atuarão nas escolas do campo e numa perspectiva de elevação do capital cultural dos sujeitos que lá vivem e de lá querem continuar vivendo.

Do ponto de vista social é importante entender qual o papel que a escola ainda desenvolve em nosso contexto de sociedade e sobretudo para o jovem e a jovem camponesa, para as famílias do campo; entender qual a concepção de juventude e a relação que se pode fazer entre trabalho, juventude e educação em nossa sociedade. E ainda como a universidade com seus programas de pós-graduação pode ajudar no equilíbrio deste tripé.

As EFAs têm se mostrado exemplos de qualidade na oferta de uma educação específica, a um público específico que luta por reforma agrária há décadas no país. Não se pode pensar a Educação do Campo desligada deste fator. Se no início as entidades estrangeiras ajudavam em suas manutenções, essa realidade atualmente acabou. Entendemos que elas deram sua contribuição, talvez mais até do que deveriam inclusive. Agora, na pegada das novas legislações, das conquistas da luta popular, devemos, todos juntos, academia e povo, estado e sociedade civil, continuar lutando pela implementação de tais conquistas, a fim de compelir o Estado a assumir a sua parte neste quefazer.

No âmbito pessoal essa pesquisa me realiza e me anima. Realiza-me por saber que estou contribuindo dentro das minhas limitações com a visibilidade de que tanto precisa a EFARA neste momento de sua existência. É uma escola que agoniza em dores de parto e muitas vezes não encontra o alento necessário; sente-se cada vez mais sozinha nesta luta. Então, dar este aporte, mostrar a sua importância para o mundo, este é o meu dever, enquanto pesquisador.

Por outro lado me anima como homem oriundo do campo que vi a maioria dos meus vizinhos crescerem sem educação e quando a tiveram foi nos moldes que não lhes agradava ou não lhes dizia muita coisa. Anima-me como jovem militante da Pastoral da Juventude Rural, a qual nasceu, no nordeste, dentro da EFARA. Anima-me ainda como educador defensor de uma educação de qualidade, que seja do povo e para o povo, em outras palavras, uma educação cidadã.

Ao analisar como as práticas pedagógicas em conformidade com a Pedagogia da Alternância em finais dos anos 80 e começo de 90 influenciaram na vida dos egressos de uma determinada instituição educacional, acreditamos estar explorando as interfaces conceituais e

analíticas do passado à vista do presente com suas lógicas, sentidos e dinâmicas, querendo, mesmo simploriamente, entender as dinâmicas que dão feições à prática educacional hodierna no contexto da mesma pedagogia – a da alternância. Ao fazer isso estamos também apreendendo as dinâmicas socioeducacionais envolvidas nesse processo decenal, as políticas desenvolvidas e criadas a este respeito e as trajetórias de organização e fazeres educacionais aplicados pela escola com o fim de atingir seus objetivos. Tudo isso equilibrando-se na tenuidade das continuidades e rupturas necessárias em todo processo de crescimento, observando e respeitando com acuidade os modos e as condições de ser e de existir dos sujeitos envolvidos no processo em questão.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Os resultados da pesquisa revelaram que tais egressos ao longo das suas vidas adultas, se distanciaram da proposta inicial da escola, em vários aspectos importantes para a Pedagogia da Alternância, tais como: a perspectiva de trabalho no campo, de prosseguimento dos estudos, de participação em organizações sociais e políticas, assim como a distância da instituição e seus preceitos comunitários. Tais aspectos revelam a dificuldade em consolidar-se uma proposta de “permanência no campo” em condições sócio, econômica e políticas que se mostram estruturantes. Os dados revelaram também, que apesar disso, os egressos consideram marcante a experiência na escola com a Pedagogia da Alternância e sem dúvidas, recomendariam tal experiência para a juventude atual, como forma de superação das dificuldades e possibilidade de alcançar uma formação educacional satisfatória.

5 CONCLUSÃO

Tal pesquisa e suas contradições anunciadas, podem ter uma importante contribuição nos debates da Pedagogia da Alternância e seus desafios teórico metodológicos no projeto político de educação do campo.

Tal pesquisa pôde mostrar que as contradições são inerentes à uma sociedade de estrutura capitalista, que anuncia tensões nas dinâmicas das relações entre as macro e micro políticas, e estampam a separação de classes e condições de desigualdade, de forma irrefutável, violentando, a todo momento, as expressões de luta dos sujeitos sociais. É nesta seara de luta, que se encontra a educação do campo e suas versões de se pensar a escola.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, José Conceição Silva. **A EFARA e o Ensino Médio profissionalizante na conjuntura atual: desafios e limites de uma Educação do Campo**. 99f. Monografia. [Graduação em Pedagogia]. Feira de Santana: UEFS, 2008.

ARAÚJO, Sandra Regina Magalhães de. **Escola para o trabalho, escola para a vida: o caso da Escola Família Agrícola de Angical – Ba**. 219f. Dissertação. [Mestrado em Educação] Salvador: UNEB, 2005.

_____. **Formação de educadores do campo: um estudo sobre a experiência de**

formação inicial para os monitores das Escolas Famílias Agrícolas do Estado da Bahia. 319f. Tese [Doutorado em Educação e Contemporaneidade]. Salvador-BA: UNEB, 2013.

CAVALCANTE, Ludmila Oliveira Holanda. **A Escola Família Agrícola do Sertão: entre os percursos sociais, trajetórias pessoais e implicações ambientais.** 259f. Tese (doutorado em Educação). Salvador-BA: FAGED/UFBA, 2007.

GUEDES, Alan. **AEFARA: 25 anos.** 2008. [Relatório de pesquisa sobre histórico e avaliação de impacto da EFARA-25 anos].

LINS, Geórgia O.C. **Vento da meia-noite, lições ao amanhecer** : a formação da juventude camponesa na REFAISA – BA. 160f. Dissertação. [Mestrado em educação]. Feira de Santana: UEFS, 2013.

NOSELLA, P. **Origens da Pedagogia da Alternância no Brasil.** Vitória-ES: EDUFES, 2012. 2ª Reimpressão 2013. - Coleção Educação do Campo.

QUEIROZ, João B. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil: ensino médio e educação profissional.** Tese (Doutorado em Sociologia). Brasília, DF: Universidade de Brasília (UnB), 2004.

TEIXEIRA, E. S.; BERNARTT, M. L.; TRINDADE, G.A. Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. **Rev. Educ. Pesqui.** vol. 34 no.2 São Paulo May/Aug. 2008. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022008000200002>.

Acesso em: 07/09/2016.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

[1] Pesquisa realizada por ocasião dos estudos de Mestrado em uma instituição do Estado da Bahia no período de 2016 a 2018.